

MEMÓRIAS DE UM AFETO: A COLEÇÃO DE CLARA

*Rita de Cássia Marques**

Aos 11 anos, comecei a colecionar selos por colecionar. Juntava os que vinham em cartas, não me lembro porque comecei nem quais foram os primeiros. Fui guardando-os. Com o tempo, passei também a comprar alguns que achava bonitos e me lembro, especialmente, de uns em 3 dimensões, coloridos e que mudavam de acordo com a posição. Ficava a imaginar como selos tão grossos poderiam ser pregados num envelope de cartas...Os selos guardados tomavam vulto e foi preciso comprar um álbum e depois outro. Eram guardados sem organização, pelo simples prazer de tê-los. Chegou a hora de entrar no curso de História e os interesses pelos estudos arrefeceram a paixão pelos selos.

Aos 20 anos, descobri que uma colega de trabalho, já com 80 anos, aposentada, mas que por ser sozinha, não faltava um dia sequer ao local de trabalho, também colecionava selos. Eu não tinha tido, até aquele momento, nenhum contato com filatelistas. Minha colega que, pelos selos, se tornou minha amiga Claraíde, foi me contando casos sobre como conseguia certos selos e me falava deles como de uma paixão antiga. Por conta de seu entusiasmo, fui reacendendo a minha paixão filatélica. Comprei livros e catálogos para saber mais sobre os selos. As conversas continuavam e dos selos passaram para as viagens, das viagens para os livros, dos livros para os segredos. Ela, aos poucos, foi me transferindo seus cadernos de poesias e outros escritos. Era uma escritora secreta. Escritos feitos em cadernos encapados com papel de presente de estampas floridas. Letra bonita. Romances com certos mistérios; amava *O Vermelho e o Negro* de Stendhal! Vieram os presentes de fotos, poucas, mas eram da sua juventude, um instantâneo de quando andava por uma avenida da cidade e outra na repartição pública. A sua memória estava sendo transferida para uma nova geração. Até que um dia, para se juntar aos escritos e fotos de

*Doutoramento em História. Professora de Metodologia da Pesquisa e coordenadora do curso de Ciência da Nutrição da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Projecto Memória e Cultura Médica em Minas Gerais, desenvolvido no Centro da Memória da Faculdade de Medicina da UFMG. Pesquisadora dos grupos *Scientia&Technica*, da UFMG, e *Instituições e Representações de Saúde*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: rcmарques@ufmg.br

juventude, veio a coleção de selos. Todos os selos brasileiros a partir de 1900! Agrupados em um bonito álbum, grosso e de capa vermelha. A coleção da Clara! Eu, «guardadora» de selos usados e carimbados, me encantei com aquela coleção de selos sem carimbos, estampas limpas e sem manchas. Não tenho palavras para descrever a emoção de receber aquela coleção. Acompanhar a história do Brasil pelas imagens dos selos era espetacular. Contava às pessoas sobre o meu presente, poucas entendiam o que aquilo representava; algumas me falavam do valor do presente e que eu poderia ficar rica com a venda da coleção. Vender o meu presente? A coleção de toda a vida da minha amiga? Selos que vinha namorando desde os 11 anos? Os selos sonhados? A minha amiga tinha sobrinhos que não gostavam de selos e se fosse para aquelas pequenas obras de arte serem vendidos, bastava deixá-los entre os pertences a serem herdados pela família. Os selos facilmente seriam vendidos. Ela me confiava esse temor e, depois do álbum vermelho, vieram as pastas com folhas inteiras e quadras de selos. Essas, segundo ela, deveriam ser usadas para fazer dinheiro e comprar mais selos para ampliar a coleção. O presente incluía a poupança para manter o amor do colecionador. A coleção da Clara era objeto de zelo e afeto, um filho querido que precisaria ser cuidado. Na verdade, ao me transferir aquele legado, Clara estava me nomeando tutora de um afeto, um dos seus grandes amores. Um dia, ela não foi trabalhar. Não demorou para que fosse encontrada, caída no banheiro, por um dos seus sobrinhos. Não tinha mais vida. Seus bens foram repartidos entre os familiares, ninguém reclamou a coleção de selos. Será que souberam de sua existência?

Passados quase vinte anos, continuo a coleção. Novo álbum precisou ser comprado. Os selos brasileiros estão cada vez mais bonitos. As novidades não param: selo com cheiro, em braile, em papel reciclado, e até personalizado com a foto do remetente! A coleção continua sem preço.

Hoje, entre outros afazeres como docente universitária, trabalho no Centro de Memória da Medicina, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde lido com acervos privados, várias coleções de cartas, fotos, livros e objetos que são doadas pelas famílias de médicos, ex-professores e/ou ex-alunos da Faculdade. Memória descartada pelas famílias. Não me esqueço do espanto ao encontrar fotos do casamento e da lua-de-mel doadas pelos filhos, em meio a tantas caixas. As pequenas lembranças, cuidadosamente guardadas por anos, num desejo de perpetuar os grandes afetos, no final, são somente objetos desnecessários, pois é difícil transferir sentimentos tão profundos. Que sorte tive eu por gostar de selos, que sorte teve a Clara de encontrar alguém empenhado em perpetuar seu amor pelas figuras, as quais, para a maioria das pessoas, só têm utilidade no franqueamento de cartas! Cartas que, nesses tempos de correio eletrônico, são facilmente substituídos pelo *click* no enviar...

166 Episteme, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 165-166, jan./jun. 2005.